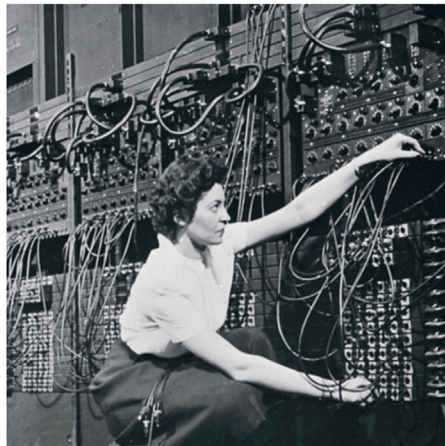


PRÁTICAS DA  
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,  
AND USES OF THE PAST

Nº 14 - 2022



*Recensão a Critique of Modern  
Barbarism. Social Movements,  
Cultural Memory and Digital Media:  
Mobilising Mediated Remembrance,*  
de Samuel Merrill, Emily Keightley  
e Priska Daphi, eds.

---

Verónica Ferreira

*Práticas da História*, n.º 14 (2022): 209-218

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

**Samuel Merrill, Emily Keightley e  
Priska Daphi, eds.**

***Social Movements, Cultural Memory  
and Digital Media: Mobilising  
Mediated Remembrance***

**Cham: Palgrave Macmillan, 2020, 298 pp.**

Verónica Ferreira\*

Publicado no rescaldo de uma série de acontecimentos que permitiram a visibilidade mediática de movimentos sociais a partir de plataformas digitais – e.g., o *#metoo* nos EUA<sup>1</sup> – a publicação de *Social Movements, Cultural Memory and Digital Media* começa por questionar, a partir de um exemplo mediático protagonizado pela congressista norte-americana Alexandria Ocasio-Cortez<sup>2</sup>, até que ponto determinados eventos históricos são ou não mobilizáveis noutros contextos e qual o papel dos

\* Verónica Ferreira (veronicaferreira@ces.uc.pt), CES-UC, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Colégio de S. Jerónimo, Largo D. Dinis, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra. Esta recensão foi escrita no âmbito da investigação desenvolvida a partir do projeto “CROME – Crossed Memories, Politics of Silence. The Colonial-Liberation Wars in Postcolonial Times” (StG-ERC-715593) financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) e pelo programa-quadro comunitário de investigação e inovação Horizonte 2020 da União Europeia. Receção da recensão original: 16-05-2022. Receção da versão revista: 27-05-2022. Aceitação: 29-05-2022.

1 Alguns dos quais desenvolvidos neste volume, embora valha a pena mencionar o movimento Black Lives Matter, os movimentos pela descolonização do espaço público ou os movimentos pelos direitos reprodutivos, pró-escolha e de sensibilização contra a violência obstetra.

2 A congressista comparou o tratamento dado a imigrantes que atravessam ilegalmente a fronteira dos EUA nos centros de detenção da U.S. Immigration and Customs Enforcement (ICE) com os campos de concentração durante uma transmissão em direto da sua conta de Instagram a 17 de junho de 2019. Caroline Kelly, “Ocasio-Cortez compares migrant detention facilities to concentration camps”, CNN, 18 de junho de 2019, último acesso a 15 de maio de 2022, <https://edition.cnn.com/2019/06/18/politics/alexandria-ocasio-cortez-concentration-camps-migrants-detention/index.html>.

meios de comunicação e informação digitais nessas dinâmicas. Por outras palavras, que papel desempenham os meios digitais de informação e comunicação nos processos de mobilização e ressignificação da memória, tanto a nível local como transnacional.

*Social Movements, Cultural Memory and Digital Media* é uma obra que reúne textos com origem num *workshop* de junho de 2016 na Universidade de Westminster, *Times Are a Changin': Temporality, Memory and Social Movements in the Digital Age*. Semelhante a várias coletâneas académicas cujos âmbitos convergem numa introdução – e, por vezes, conclusão – agregadora, este conjunto de textos foi compilado com o objetivo de colmatar uma lacuna nos Estudos da Memória, em particular no campo da memória cultural, e nos Estudos sobre Movimentos Sociais. Lacuna essa que consiste na interseção entre esses dois campos no espaço digital ou, como referem os autores, “[...] compreender como os recentes avanços nas tecnologias de informação e comunicação (TIC) e nos meios *media* digitais, incluindo as capacidades da Internet na Web 2.0 e as plataformas de redes sociais, moldam o trabalho de memória nos movimentos sociais”<sup>3</sup>.

Tendo como ponto inicial uma introdução que apresenta uma revisão da literatura dos vários campos bastante completa, esta edição da Palgrave Macmillan traz um conjunto de ensaios diversificado, tanto em termos de espaços geográficos como das plataformas digitais analisadas. O desenvolvimento destes estudos de caso cruza Estudos sobre *Media* com Estudos Culturais e contribui para o (relativamente recente) campo das memórias digitais<sup>4</sup>. Na introdução, os autores sublinham a necessidade de se evitar abordagens demasiado celebratórias ao defender análises detalhadas que tenham em conta as *nuances* das dife-

3 Tradução da autora, no original “[...] understanding how recente advances in information and communication technologies (ICTs) and digital media, including web 2.0 internet capabilities and social media platforms, shape memory work in social movements”, Samuel Merrill, Emily Keightley e Priska Daphi, eds., *Social Movements, Cultural Memory and Digital Media: Mobilising Mediated Remembrance* (Cham: Palgrave Macmillan, 2020), 1.

4 Para mais estudos de caso no campo das memórias digitais, veja-se, por exemplo, Joanne Garde-Hansen, Andrew Hoskins e Anna Reading, eds., *Save as... Digital Memories* (Londres: Palgrave Macmillan, 2009) e Andrew Hoskins, ed., *Digital Memory Studies: Media Past in Transition* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2018).

rentes modalidades de memória e o modo como estas estão implicadas na produção e reprodução ativa de políticas de reconhecimento, por vezes conflitantes<sup>5</sup>. Os autores sublinham ainda a necessidade de um compromisso académico, por parte de investigadores e investigadoras, com uma justiça social e ética de cuidado,<sup>6</sup> no entanto, como se verá mais adiante, este compromisso implicaria uma abordagem crítica que escapa às análises levadas a cabo no volume.

Dito isto, o livro editado por Samuel Merrill, Emily Keightley e Priska Daphi está dividido em três secções: 1) “Claims”, que poderia ser traduzido por reivindicações; 2) “Circulations”, isto é, trânsitos ou circulações; e 3) “Curations”, que se refere ao trabalho de curadoria a partir do conceito de arquivo e de repertório. Na primeira secção encontram-se os capítulos “Trans Memory as Transmedia Activism”, por Abigail De Kosnik, Clement Hil Goldberg, Julia Havard e Paige Morgan Johnson; “Who Is the Volk? PEGIDA and the Contested Memory of 1989 on Social Media”, por Ned Richardson-Little e Samuel Merrill; e “Connective Memory Work on Justice for Mike Brown”, por Rik Smit. Os três capítulos têm em comum a exploração de memórias de eventos passados – mais ou menos atuais – com o objetivo de as mobilizar para as lutas do presente. No primeiro texto, a partir de produtos culturais recentes, reivindica-se a importância da visibilidade de comunidades marginalizadas, neste caso a comunidade trans. O movimento utiliza os diversos meios de comunicação e informação digitais para reclamar a sua presença pioneira na história da luta pelos direitos das pessoas LGBTQIA+. O segundo texto incide sobre a forma como o movimento anti-imigração PEGIDA reivindica a memória das manifestações pacíficas de 1989 na Alemanha Oriental pela reunificação alemã, nomeadamente através do uso do slogan “*Wir Sind Das Volk*” (“Nós somos o povo”) e como essa reivindicação é contestada em redes sociais como o Twitter. Ora, embora não se explore a questão no capítulo, este último texto, como se discutirá mais adiante, abre o conceito de movimentos

5 Merrill, Keightley e Daphi, *Social Movements*, 7.

6 A partir de Karen E. Till, “Wounded Cities: Memory-Work and a Place-Based Ethics of Care”, *Political Geography* 31 (2012): 3-14, citado em *Social Movements*, ed. Merrill, Keightley e Daphi, 15.

sociais a movimentos que não se coadunam com políticas de emancipação social. Um tema retomado por Anna Reading na conclusão, ao abordar a importância do que chama “antissocial” nas dinâmicas entre movimentos de pessoas, a memória cultural e os novos meios de comunicação e informação digitais. O último texto desta secção analisa a criação de uma página de Facebook dedicada a Michael Brown – afroamericano morto pelo agente Darren Wilson, da polícia de Ferguson, no início de agosto de 2014 –, assim como as interações que se desenvolvem na página celebrando a memória de Michael Brown e que, concomitantemente, permitem a difusão de informação e a organização de protestos em ações *online* e *offline*. O autor parte, para o efeito, do conceito de ação conectiva, de Bennett e Segerberg,<sup>7</sup> que explica a especificidade do que acreditam ser uma mobilização a partir da conexão e personalização, e que resulta numa dinâmica de constante mudança e em formas emergentes de transmitir a memória e de interação entre pessoas e plataformas digitais<sup>8</sup>.

Na secção “Circulations” encontramos os capítulos “Following *The Woman with the Handbag*: Mnemonic Context Collapse and the Anti-Fascist Activist Appropriation of an Iconic Historical Photograph”, de Samuel Merrill; “#ioricordo, Beyond the Genoa G8: Social Practices of Memory Work and the Digital Remembrance of Contentious Past in Italy”, por Lorenzo Zamponi; e “In Between Old and New, Local and Transnational: Social Movements, Hybrid Media and the Challenges of Making Memories Move”, por Pawas Bisht. No primeiro capítulo é investigada a partilha e difusão de uma fotografia icónica, que representa uma mulher no momento em que se preparava para bater com a sua mala num neonazi na Suécia, por movimentos e antifascistas de várias geografias. Para Samuel Merrill esta apropriação entre contextos

7 Em contraste com o conceito de ação coletiva, veja-se W. Lance Bennett e Alexandra Segerberg, “The Logic of Connective Action”, *Information, Communication & Society* 15, n.º 5 (2012): 739-68; W. Lance Bennett e Alexandra Segeberg, *The Logic of Connective Action: Digital Media and the Personalization of Contentious Politics* (Nova Iorque: Cambridge University Press, 2014), citados em Rik Smit, “Connective Memory Work on *Justice for Mike Brown*”, in *Social Movements*, ed. Merrill, Keightley e Priska, 86.

8 Smit, “Connective Memory”, 86.

distintos contribui para a erosão do contexto histórico e biográfico da fotografia e da senhora que nela figura, mas, por outro lado, adquire significado simbólico para as comunidades antifascistas a um nível transnacional. O mesmo acontece com o *hashtag*, em circulação no Twitter, *#ioricordo* (*#eurecordo*) que, embora tenha sido criado em 2022 por ativistas para comemorar o décimo aniversário dos protestos anti-G8 de 2001 em Génova, foi mobilizado para outros eventos simbólicos como o Holocausto, os massacres dos anos 1970 ou por vítimas da máfia. Analisando os *tweets* que continham a *hashtag*, Zamponi conclui que, por um lado, o “projeto mnemónico” de *#ioricordo* demonstra as potencialidades das redes sociais, enquanto espaços coletivos, para o desenvolvimento de trabalho sobre a memória (*memory work*), sobretudo ao inserir as histórias pessoais – dos utilizadores do Twitter – numa narrativa partilhada de um contexto social e político mais vasto. Todavia, por outro lado, a investigação de Lorenzo Zamponi demonstra que, apesar de ligados pela rede, a maioria dos *tweets* publicados não equivalem a ligações fortes e constantes entre os indivíduos que participam em atos de comemoração *online*. Há, portanto, pouca conexão entre os utilizadores<sup>9</sup>.

O capítulo seguinte, e último desta secção, analisa a forma como múltiplos ativistas difundiram a memória do desastre de Bhopal em 1984 e como ela pode ser mobilizada para outros eventos relacionados com desastres industriais para além do seu contexto particular e das capacidades de uso dos meios digitais por ativistas locais. De acordo com Bisht, o seu estudo incide sobre a mobilização mnemónica em dois contextos espaciais diferentes – Bhopal, na Índia, e Londres, no Reino Unido – com o propósito de mostrar como a produção de memória deve ser compreendida como resultado de mobilizações híbridas que concatenam meios de comunicação e informação digitais e interações *offline*, tanto a nível local como a nível transnacional, dentro e fora dos

9 Lorenzo Zamponi, “#ioricordo, Beyond the Genoa G8: Social Practices of Memory Work and the Digital Remembrance of Contentious Pasts in Italy”, *Social Movements*, ed. Merrill, Keightley e Priska, 164.

movimentos sociais – com o público mais vasto<sup>10</sup>. Este artigo chega a uma conclusão importante relativamente à desigualdade no acesso aos meios digitais e à internet, em particular, i.e., que o domínio das comunicações digitais e, conseqüentemente, do trabalho de memória na Internet é marcado pelas desigualdades e desequilíbrios na distribuição de recursos económicos, culturais e sociais em contextos geográficos distintos – i.e., que os ativistas de países ocidentais têm uma maior capacidade de mobilizar politicamente e difundir memórias a um nível transnacional que os ativistas locais, neste caso da Índia, onde o acesso à Internet é mais difícil –, facto que tem sido, segundo o autor, menos-prezado pelas investigações sobre movimentos sociais<sup>11</sup>.

Por fim, na secção “Curations” estão os capítulos “Archiving the Repertoire, Performing the Archive: Virtual Iterations of Second-Generation Activism in Post-Dictatorship Argentina”, de Cara Levey; “How to Curate a ‘Living Archive’: The Restlessness of Activist Time and Labour”, por Red Chidgey; e “‘We Will Not Forget, We Will Not Forgive!’: Alexei Navalny, Youth Protest and the Art of Curating Digital Activism and Memory in Russia”, de Oxana Moroz. O texto de Cara Levey reflete sobre as dinâmicas existentes entre “arquivo” e “repertório”, em particular no caso da organização H.I.J.O.S. composta por filhos e filhas de pais assassinados durante e pela ditadura militar argentina entre 1976 e 1983, e do *escrache* como forma de denúncia daqueles que colaboraram com a ditadura e nunca foram responsabilizados. Uma forma de denúncia que emergiu em meados dos anos 1990, mas que tem surgido de forma renovada em vídeos no Youtube e no Facebook, desafiando as fronteiras entre “arquivo” e “performance” ou “repertório”. O capítulo de Red Chidgey, partindo de 858 documentos pertencentes aos Archives of Resistance, Occupy Wall Street Archives e Women’s March On Archives, aborda a forma como todos eles exploraram o potencial democratizante das redes sociais para agregar narrativas e

10 Zamponi, “#ioricordo, Beyond the Genoa G8”, 190.

11 Sasha Costanza-Chock, *Out of the Shadows and into the Streets! Transmedia Organizing and the Immigrant Rights Movement* (Cambridge, MA e Londres: MIT Press, 2014), citado em Zamponi, “#ioricordo, Beyond the Genoa G8”, 190.

objetos mnemónicos. Embora com objetivos diferentes, eles permitem operacionalizar o conceito de arquivo vivo. E, por último, o capítulo de Oxana Moroz explora o arquivo criado pelo opositor ao regime de Vladimir Putin, Alexey Navalny, através da sua fundação anticorrupção, Anti-Corruption Foundation (ACF), dinamizada por jovens russos. O objetivo deste arquivo seria recolher indícios de corrupção que seriam usados em futuras ações legais contra Putin assim que Navalny chegasse ao poder no país.

O livro termina com o texto provocador de Anna Reading “Afterword/Afterweb: The Antisocial Memory Assemblage”. Descartando uma análise laudatória dos novos meios digitais, a autora abre a ferida das forças antissociais que a Internet é capaz de (re)produzir. Desde logo, a forma como estabelece uma plataforma para o conflito e a animosidade, como acontece no Facebook ou no Twitter, a partir de uma dinâmica de polarização e enquinamento do debate que recorre à chacota – fenómeno denominado *trolling*<sup>12</sup>. Designando as referidas dinâmicas de ‘antissociais’, e remetendo sobretudo para o capítulo de Ned Richardson-Little e Samuel Merrill sobre o PEGIDA, Reading desenvolve a ideia questionável segundo a qual estes movimentos – não progressistas e de extrema-direita – são em si antissociais. Ora, o seu carácter excludente não implica que as dinâmicas que se estabelecem dentro do movimento sejam antissociais, pelo contrário, fazem parte de um tipo de sociabilidade com genealogia própria e com um determinado contexto histórico, social e económico.

A autora coloca “em cima da mesa” questões importantes sobre as dinâmicas digitais, porém não chega a colmatar a necessidade de uma crítica imanente que coloque a nu as contradições inerentes a um espaço marcado por lógicas neoliberais. A crítica de Jodi Dean<sup>13</sup>, por exemplo, poderá amainar os laivos de exaltação que enquadram a relação cada

12 Phillips Whitney, *This Is Why We Can't Have Nice Things: Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture* (Cambridge, MA e Londres: The MIT Press, 2015); Angela Nagle, *Kill All Normies: The Online Culture Wars from Tumblr and 4chan to the Alt-Right and Trump* (Winchester e Washington: Zero Books, 2017).

13 Jodi Dean, *Blog Theory: Feedback and Capture in the Circuits of Drive* (Cambridge e Malden: Polity, 2010) e Jodi Dean, *Crowds and Party* (Londres: Verso, 2016).



vez mais dependente das pessoas e dos grupos políticos e sociais com a Internet e os seus circuitos mais ou menos fechados – pensando nas plataformas a que chamamos redes sociais e onde se vai desenvolvendo cada vez mais a nova sociabilidade pós-analógica. Mas, neste caso, o alerta está na forma como a Internet molda a sociabilidade política por forma a encerrá-la em atos de alcance limitado, baseados em movimentos de convergência temporária, sem grandes consequências políticas e sociais para além do momento que transformou determinada causa em tendência e/ou moda. Paralelamente, não se tem em consideração a formação de bolhas de opinião que encerram qualquer hipotético debate em ambientes compostos por pessoas com posições políticas, sociais e económicas semelhantes<sup>14</sup>. A visão superficial da Internet enquanto meio agregador de pessoas e formador ou facilitador de movimentos sociais naturaliza as estruturas de poder e relações de exploração que são inerentes à lógica das plataformas enquanto modelo de negócio – porque é isso que elas são, antes de mais.

As conclusões de cada capítulo relembram as fragilidades da mobilização digital, mas falham em explicar com maior detalhe as causas económicas e políticas dessas mesmas fragilidades. Os estudos de caso ignoram as condicionantes económicas das plataformas digitais, naturalizando-as e encetando uma análise relativamente acrítica dos ditos movimentos sociais. Entre outras questões, para compreender a visibilidade de determinados movimentos encetados em plataformas como o Twitter ou o Facebook é importante compreender as lógicas comerciais de acumulação de lucro e o modelo económico baseado no entretenimento e na economia da atenção, que servem para prender os utilizadores às plataformas a fim de explorar o seu conteúdo (trabalho não pago) para aumentar o valor dos anúncios direcionados. A visibilidade beneficia, assim e sobretudo, as pessoas que estão ligadas ao mundo do entretenimento, ou indústria cultural, e já disfrutaram de atenção mediática prévia em detrimento de outras. Há, portanto, um problema de visibilidade e capacidade de projeção de determinados movimentos

<sup>14</sup> Eli Pariser, *The Filter Bubble: What the Internet is Hiding from You* (Nova Iorque: Viking, 2011).

para além dos seus membros e simpatizantes. Da mesma forma, é importante questionar – já que os investigadores se comprometem com ideais de justiça social – até que ponto é que têm influência social e política concreta num público mais alargado ou em políticas públicas. Falta uma definição de “movimento social” e uma análise mais crítica dos meios de comunicação e informação digitais. A abordagem escolhida é bastante superficial e acrítica, nomeadamente na forma como se foca sobretudo nas qualidades agregadoras do meio e não nos efeitos práticos dos movimentos sociais, mas também no modo como toma as redes sociais enquanto espaços ideologicamente neutros<sup>15</sup>. Não obstante, este é um livro que merece ser lido: pela revisão exaustiva da literatura nos campos que se propõe explorar e pela conclusão, em jeito de desafio analítico, que incita após a leitura atenta dos capítulos a uma reflexão sobre o papel dos novos meios de comunicação e informação digitais na produção mnemónica dos movimentos sociais.

15 Christian Fuchs, *Social Media: A Critical Introduction*, 3.<sup>a</sup> edição (Londres, Thousand Oaks, CA e Nova Deli: SAGE, 2021); José van Dijck, *The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media* (Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 2013) e José van Dijck, Martijn de Waal e Thomas Poell, *The Platform Society: Public Values in a Connective World* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2018).

## BIBLIOGRAFIA

Dean, Jodi. *Blog Theory: Feedback and Capture in the Circuits of Drive*. Cambridge e Malden: Polity, 2010.

Dean, Jodi. *Crowds and Party*, Londres: Verso, 2016.

Dijck, José van. *The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media*. Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 2013.

Dijck, José van, Martijn de Waal, e Thomas Poell. *The Platform Society: Public Values in a Connective World*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

Fuchs, Christian. *Social Media: A critical introduction*. 3.<sup>a</sup> edição, Londres, Thousand Oaks, CA e Nova Deli: SAGE, 2021.

Garde-Hansen, Joanne, Andrew Hoskins, e Anna Reading, eds. *Save as... Digital Memories*. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.

Hoskins, Andrew, ed. *Digital Memory Studies: Media Pasts in Transition*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2018.

Merrill, Samuel, Emily Keightley, e Priska Daphi, eds. *Social Movements, Cultural Memory and Digital Media: Mobilising Mediated Remembrance*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.

Nagle, Angela. *Kill All Normies: The Online Culture Wars from Tumblr and 4chan to the Alt-Right and Trump*. Winchester e Washington: Zero Books, 2017.

Pariser, Eli. *The Filter Bubble: What the Internet is Hiding from You*. Nova Iorque: Viking, 2011.

Whitney, Phillips. *This Is Why We Can't Have Nice Things: Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture*. Cambridge, MA e Londres: The MIT Press, 2015.

## Referência para citação:

Ferreira, Verónica. “Recensão a *Social Movements, Cultural Memory and Digital Media: Mobilising Mediated Remembrance* de Samuel Merrill, Emily Keightley e Priska Daphi, eds.”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.<sup>o</sup> 14 (2022): 209-218.